

Carlos Drummond de Andrade – Gauche Mineiro

Modernismo – Segunda Fase (1930-45)

Carlos Drummond de Andrade

Vinicius de Moraes

Cecilia Meireles

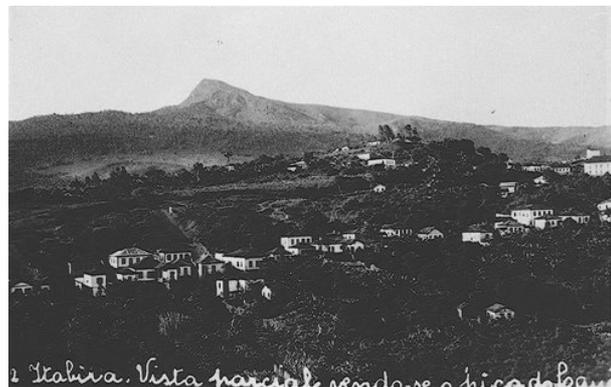
Mario Quintana

Jorge de Lima

Murilo Mendes

Carlos Drummond de Andrade

- Itabira (MG), 1902-87.
- Formou-se em Farmácia na capital (BH)
- Ingressou no funcionalismo público.
- Viveu a maior parte da vida no Rio, onde atuou no Ministério da Educação, durante o Estado Novo (Vargas).
- Tem vasta produção literária, composta de poesia (principalmente), crônicas e contos.
- Possui, ainda, considerável produção epistolar.



Cidadezinha Qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas ólham.

Eta vida besta, meu Deus.



Homenagem a CDA,
em Copacabana (Rio)

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento

Na vida de minhas retinas tão fatigadas

Nunca me esquecerei que no meio do caminho

Tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra.

(1928)

FASES DA OBRA DRUMMONDIANA

Fase *gauche* (década de 30): não-pertencimento, não-enquadramento.

Fase social (1940-1945): Drummond abandona o isolamento e o individualismo, temáticas predominantes na fase *gauche*, e passa a demonstrar grande interesse pelos problemas da vida social.

Fase do “não” (décadas de 1950 e 1960): passados os grandes conflitos históricos que fomentaram a fase social na poesia drummondiana, o poeta voltou-se para temas como a filosofia e a metafísica.

Fase da memória (décadas de 1970 e 1980): a fase final da poesia drummondiana contemplou aspectos memorialistas, aprofundando temas que permearam toda a obra do poeta.

POEMA DE SETE FACES

Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida

As casas espiam os homens
Que correm atrás de mulheres
A tarde talvez fosse azul
Não houvesse tantos desejos

O bonde passa cheio de pernas
Pernas brancas pretas amarelas
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta
meu coração
Porém meus olhos
Não perguntam nada

O homem atrás do bigode
É sério, simples e forte
Quase não conversa
Tem poucos, raros amigos
O homem atrás dos óculos e do bigode

Meu Deus, por que me abandonaste
Se sabias que eu não era Deus
Se sabias que eu era fraco

Mundo mundo vasto mundo
Se eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima, não seria uma solução
Mundo mundo vasto mundo
Mais vasto é meu coração

Eu não devia te dizer
Mas essa lua
Mas esse conhaque
Botam a gente comovido como o diabo

Livro: *Alguma poesia* (1930)

TEXTO I

Poema de sete faces

Mundo mundo vasto mundo,
Se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

ANDRADE, C. D. Antologia poética.

TEXTO II

CDA (imitado)

Ó vida, triste vida!
Se eu me chamasse Aparecida
dava na mesma.

FONTELA, O. Poesia reunida.

(ENEM) Orides Fontela intitula seu poema *CDA*, sigla de Carlos Drummond de Andrade, e entre parênteses indica “imitado” porque, como nos versos de Drummond,

- a) apresenta o receio de colocar os dramas pessoais no mundo vasto.
- b) expõe o egocentrismo de sentir o coração maior que o mundo.
- c) aponta a insuficiência da poesia para solucionar os problemas da vida.
- d) adota tom melancólico para evidenciar a desesperança com a vida.
- e) invoca a tristeza da vida para potencializar a ineficácia da rima.